

# Uma história de amor

Pesquisas desvendam mecanismos neuronais e fisiológicos de vínculos afetivos que duram milhares de anos e comprovam o que os tutores sabem muito bem, na prática: a relação entre eles e os cães é única

» PALOMA OLIVETO

Esta é uma história muito antiga — alguns vestígios arqueológicos sugerem até 38 mil anos. Foi quando os cães deixaram de ser animais selvagens para entrar na vida dos humanos em uma parceria que se estendeu para além da caça. Se, agora, tutores são criticados por se chamarem de “pais e mães de pets”, não é de hoje que esses animais parecem fazer parte da família: data de 14 mil anos a ossada de um homem, uma mulher e um filhote de 27 semanas, enterrados juntos em um subúrbio de Oberkassel, na Alemanha. Um artigo publicado no *Journal of Archeological Science* examinou os ossos e encontrou evidências de que o animalzinho recebeu tratamento de saúde.

Para os tutores, é um amor sem explicação. A ciência, porém, encontra cada vez mais pistas sobre esse vínculo, aproximando-se das bases neurobiológicas de uma relação que beneficia tanto humanos quanto seus melhores amigos.

Por exemplo, já está bem estabelecido que a companhia de cachorros ajuda na redução do estresse — por isso, hospitais e instituições de acolhimento de idosos e crianças contam com a visita de cães terapêuticos. Há duas semanas, porém, pesquisadores da Universidade Konkuk, na Coreia do Sul, revelaram como isso acontece no cérebro.

## Benefícios

Onyoo Yoo, pesquisador de Konkuk, explica que estudos sobre os benefícios potenciais dos cães terapêuticos na redução de ansiedade e estresse concentram-se na medição de níveis hormonais antes e depois do contato com os animais, ou no autorrelato dos participantes. “Mas esta abordagem não diferencia entre tipos de interações, como cuidar, alimentar ou brincar com um animal, limitando a nossa compreensão de como cada interação específica afeta a saúde e o bem-estar de uma pessoa”, explica.

Para entender melhor o fenômeno, a equipe de Yoo recrutou 30 participantes adultos, que realizaram oito diferentes atividades com um cão treinado, como brincar, dar petisco ou tirar foto. Os humanos fizeram eletroencefalografia (EEG) para registrar a atividade do cérebro enquanto interagiam com o cachorro, um poodle gigante, e registraram o estado emocional subjetivo imediatamente após cada tarefa.

Enquanto passeavam com o cachorro, houve mais oscilações na banda alfa do cérebro, o que reflete um estado de vigília relaxada. Ao escovar, massagear suavemente ou brincar com o cão, a força relativa de oscilação da banda beta aumentou, reação normalmente associada à

Retratista Pet/Divulgação



A advogada Helena Brandão, de 24 anos, segura o cachorrinho Flecha Augusto e diz o quanto a convivência deles é especial e a tranquiliza

concentração. Os participantes também relataram menos cansaço, depressão e estresse depois de interagir com o poodle, incluindo aqueles que não eram tutores de animais.

“É um sentimento de alívio, parece que, por um momento, todo o cansaço, tristeza e preocupações desaparecem. Acredito muito nessas pesquisas, porque vivo esse sentimento, na prática, todos os dias”, conta a advogada Helena Brandão, 24 anos, tutora de Flecha Augusto, um dachshund de 1 ano e 8 meses. Ela conta que o vínculo com o cãozinho, que chegou à sua casa ainda filhote, foi automático. “Quando o peguei no colo pela primeira vez, já senti uma conexão muito grande e passamos o dia juntos. Claro que, com o tempo, fortalecemos ainda mais os nossos laços.”

Helena relata que a companhia de Flecha a deixa mais calma. “Muitas vezes, quando estou

ansiosa com algum assunto, paro para ficar brincando com ele por alguns minutos e é completamente revigorante”, diz. O cachorro parece compreender quando a tutora precisa de um afago. “O Flecha sabe exatamente quando estou mal. Ele costuma trazer todos os brinquedos para mim quando sinto que estou triste e isso automaticamente me faz ficar melhor.”

## Hormônio

Em 2015, um estudo publicado na revista *Science* por cientistas do Japão mostrou, pela primeira vez, que uma importante substância associada ao vínculo entre as pessoas, também é produzida na interação entre espécies diferentes, no caso, cães e humanos. O trabalho pioneiro mediu os níveis de oxitocina — popularmente conhecido como “hormônio do amor” — antes e depois de meia hora de

brincadeiras e carinhos entre os animais e tutores.

Os cães que olhavam para os tutores por mais tempo apresentavam níveis elevados de oxitocina, medida em amostras de urina. O mesmo não foi observado entre criadores de lobos e esses animais, sugerindo, segundo o estudo, que a convivência milenar de cachorros e humanos criou um vínculo fisiológico semelhante ao observado entre pais e filhos ou em relacionamentos amorosos.

Recentemente, outro estudo mediu os níveis de oxitocina produzida pelos cães por suas tutoras — somente participaram mulheres — após interagirem. A pesquisa, da Universidade de Nevada, nos Estados Unidos, descobriu que o hormônio subiu significativamente em ambos. Segundo Evan MacLean, pesquisador do Centro de Cognição Canina da Universidade do Arizona, o mecanismo é extremamente benéfico

para os melhores amigos. “As descobertas sugerem que os cães tiraram partido das nossas sensibilidade parentais, usando comportamentos como nos olhar nos olhos, para gerar sentimentos de recompensa social e comportamento de cuidado.”

## Lágrimas

Agora, pesquisadores da Universidade de Azabu, no Japão, voltaram a pesquisar o papel da oxitocina nos laços entre humanos e cães e descobriram que o hormônio do amor pode deixar os cães com os olhos lacrimejados quando se sentem felizes ou excitados ao ver seus tutores. “Quando os cães se reúnem com seus cuidadores, eles exibem um comportamento de companheirismo muito grande, incluindo olhar para eles, abanar a cauda, pular e lambem o rosto”, diz Takefumi Kikusui, principal autor do estudo, publicado na revista *Current Biology*. “Fisiologicamente,

## Palavra de especialista

Tainá Frota/Divulgação



A relação entre cães e humanos é extremamente produtiva do ponto de vista de alívio de estresse, com a liberação de endorfinas, o que garante uma sensação de maior bem-estar. Já está mais que comprovado por diversos artigos disponíveis. Com os animais, as pessoas não se sentem sós, sentem-se amadas, o que favorece a sensação de bem-estar. Como os animais precisam ser cuidados, alimentados, é um motivo a mais para se levantar da cama todos os dias. Não é só isso: o passeio as força a socializar. Muitas vezes, só pela anamnese, sei que alguém da casa do animal tem algum distúrbio, como depressão ou ansiedade. Os cães absorvem o comportamento dos tutores, mas não se importam com nada, a não ser com o amor por eles.

**Ana Catarina Valle,**  
médica-veterinária da NaturalPet, doutora em genética e biotecnologia

## Neuroimagem comprova vínculo

No início da década passada, o neurocientista Gregory Berns, da Universidade de Emory, nos Estados Unidos, apostou em uma tecnologia que já usava em humanos para entender os processos de tomada de decisão. Com o Dog Project, ele foi o pioneiro em treinar cachorros para entrarem nas máquinas de ressonância magnética funcional, um exame não invasivo e sem radiação que detecta ativações neuronais por meio de pequenas alterações no fluxo sanguíneo e na oxigenação de tecidos cerebrais.

A tarefa não é simples: o exame exige imobilidade total e, quando é indicado para alguma investigação médica, o animal

tem de ser sedado. Berns, porém, desenvolveu um treinamento que permite escanear o cérebro dos cachorros enquanto eles estão acordados, o que abriu caminho para uma série de pesquisas comportamentais que avaliam não só a reação dos humanos quando estão com os melhores amigos, mas a dos próprios cães.

Até então, os estudos comportamentais baseavam-se apenas na medição de taxas hormonais; agora, as técnicas de neuroimagem conseguem constatar, no funcionamento do cérebro, o que as pesquisas anteriores demonstraram, argumenta Sabrina Karl. A pesquisadora do Clever Dog Lab, da Universidade de

Medicina Veterinária de Viena, publicou um artigo na revista *Scientific Reports* analisando os resultados mais recentes, inclusive do grupo de estudo da instituição austríaca, um dos que mais publicam na área.

“Vários estudos recentes investigaram como os cães percebem os humanos e, em particular, os nossos rostos. Eles revelaram que os cães podem avaliar os estados de atenção dos humanos e discriminar o seu cuidador de outra pessoa familiar”, observa Karl. “Especialmente interessante é a capacidade do cão de discriminar entre expressões faciais positivas e negativas dos humanos e de reagir adequadamente a elas”, conta. (PO)

Eniko Kubinyi/Divulgação



Cão em um aparelho de ressonância magnética funcional para detectar as ativações neuronais